



O DETRIMENTO DO FAZER EM RELAÇÃO AO SER

Francielle Teodósio de Oliveira Silva¹; Jéssica Luciano dos Santos²; Juliana da Silva Martins Jorge³; Mariana de Moraes Nascimento⁴

1 Discente do curso de Psicologia – Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia – Regional Catalão/UFG.

2 Discente do curso de Psicologia – Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia – Regional Catalão/UFG. (Jessicaluciano713@gmail.com)

3 Discente do curso de Psicologia – Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia – Regional Catalão/UFG.

4 Discente do curso de Psicologia – Unidade Acadêmica Especial de Biotecnologia – Regional Catalão/UFG.

Recebido em: 08/09/2015 – Aprovado em: 14/11/2015 – Publicado em: 01/12/2015

O presente trabalho aborda concepções de adolescência no âmbito escolar, desde o Ensino Básico ao Ensino Superior. Assim, ao longo deste desenvolve-se uma reflexão acerca de como as práticas educacionais interferem no processo de formação de identidade do sujeito. Deste modo, propõe-se que os paradigmas das políticas públicas trazidas pelas leis em relação à subjetividade do indivíduo na construção do saber sejam repensados. Por esta perspectiva, este trabalho permite uma análise sobre o detrimento do fazer em relação ao ser. Sabe-se que nos dias de hoje, compreender a relação entre adolescência, futuro e Universidade é estabelecer uma ligação do indivíduo com o capital humano. Esse processo gera na sociedade uma visão voltada para a produção, economia e consumo, na qual a entrada na Universidade deve proporcionar o desenvolvimento financeiro e do capital humano, porém, acredita-se que a educação não se pode reduzir a economia. Nesse sentido, o processo educacional/universitário deve estar voltado para um olhar sobre o conhecimento, sobre a emancipação do sujeito, sobre o pensar, refletir, questionar. Enfim, a formação tem de ir além de uma carreira profissional, deve priorizar que o sujeito se torne um indivíduo com maturidade para repensar a realidade social e, por conseguinte, se posicionar, ou seja, levantar problemas ao que parece ser imutável, dar voz ao humano e não a um capital. A Universidade possui um modelo que valoriza estudo, pesquisa, extensão, porém pensa-se que esta deveria contribuir para a construção de um conhecimento que possibilitasse a constituição do sujeito, a formação do Eu. Tal modelo proposto deveria procurar desenvolver sujeitos autônomos e críticos, voltados para uma educação de subjetividade como que se faz na rotina, transformando permanentemente, ou seja, desconstruir a ideia de identidade por meio da dicotomia indivíduo e sociedade. Assim, essa realidade vivenciada por vários jovens na dimensão universitária, causa sofrimento em razão do modelo pré-estabelecido que constantemente prega uma felicidade imediatista, um saber pragmático, na qual o sujeito é reconhecido pelo que e quanto produziu. Observa-se assim que o desenvolvimento humano na fase da adolescência é

marcado por várias transformações. Envolve angústia, medo, felicidade, e principalmente preocupação sobre o futuro, transformações estas que são consequências de um meio social com herança de um modelo Positivista, em que o sujeito é valorizado pelo que faz e não pela sua história. Assim, pensar esse indivíduo no contexto universitário é repensar o sistema

educacional em que está inserido o ensino superior, é elaborar uma tentativa de promover uma educação que não forme apenas meros profissionais, mas sim sujeitos emancipados e críticos para a construção de uma sociedade mais questionadora. Por uma universidade que promova o pensar e o refletir, que não alimente a imaturidade de muitos jovens, mas que possibilite a formação tanto social como psicológica destes. Portanto, pensar a adolescência e a educação por meio da Psicologia é pensar no modo de subjetivação que ocorre no processo educacional entre educadores, especialistas, sujeitos e sociedade.

Palavras Chaves: Carreira Profissional, Formação de Identidade, Práticas Educacionais, Subjetivação.